

# **INTERESSES E PREOCUPAÇÕES DE CRIANÇAS E JOVENS**

## **Os seus mundos nas suas próprias palavras**

*Sara Pereira*

Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Braga, Portugal

*Daniel Brandão*

Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Braga, Portugal

*Marisa Mourão*

Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Braga, Portugal

**Resumo** As crianças e os jovens são fontes privilegiadas e competentes para dar a conhecer as suas visões sobre o mundo. Escutá-las é fundamental para criar e expandir conhecimento sobre os seus mundos sociais e culturais e o seu bem-estar. Partindo deste pressuposto, este artigo visa conhecer os interesses e preocupações de uma amostra de 1131 estudantes a frequentar o 6.º, o 9.º e o 12.º anos. Os dados foram recolhidos através da aplicação de um questionário em 26 agrupamentos de escolas de Portugal continental. Os resultados mostram que as crianças e os jovens da amostra atribuem uma importância significativa aos media, conferindo-lhes um lugar de destaque nas suas vidas. Os media são apontados como motivo de interesse e de alegria, mas não são uma fonte de preocupação. A saúde surge como um dos assuntos que mais os preocupa, assumindo a incerteza face ao futuro uma preocupação para os mais velhos. A política é um assunto que gera pouco interesse e preocupação.

Palavras-chave: crianças, jovens, *media*, interesses, preocupações, bem-estar.

**Children and young people's interests and concerns: their worlds in their own words**

**Abstract** Children and young people are privileged and competent sources for making their visions of the world known. Listening to them is fundamental to creating and expanding knowledge about their social and cultural worlds and their well-being. Based on this assumption, this article aims to find out about the interests and concerns of a sample of 1131 students attending 6th, 9th and 12th grade. The data was collected by applying a questionnaire in 26 school groups in mainland Portugal. The results show that the young people in the sample attribute significant importance to the media, giving them a prominent place in their lives. The media is mentioned as a source of interest and joy, but not as an object of concern. Health emerges as one of the issues that worries them most, while uncertainty about the future is a concern for older ones. Politics is a subject that is of little interest or concern to them.

Keywords: children, young people, media, interests, concerns, well-being.

**Intérêts et préoccupations des enfants et des jeunes: leur monde dans leurs propres mots**

**Résumé** Les enfants et les jeunes sont des sources privilégiées et compétentes pour faire connaître leur vision du monde. Les écouter est fondamental pour créer et développer des connaissances sur leur univers social et culturel et sur leur bien-être. Partant de cette hypothèse, cet article vise à découvrir les intérêts et les préoccupations d'un échantillon de 1131 élèves de 7<sup>ème</sup>, 4<sup>ème</sup> et 1<sup>ère</sup> année. Les données ont été collectées par l'application d'un questionnaire dans 26 groupements scolaires du Portugal continental. Les résultats montrent que les jeunes de l'échantillon accordent une importance significative aux médias, leur donnant une place prépondérante dans leur vie. Les médias sont perçus comme une source d'intérêt et de joie, mais pas comme un objet de préoccupation. La santé apparaît comme l'un des sujets qui les préoccupent le plus,

tandis que l'incertitude quant à l'avenir préoccupe les élèves plus âgées. La politique est un sujet qui les intéresse et concerne peu.

Mots-clés: enfants, jeunes, médias, intérêts, préoccupations, bien-être.

#### **Intereses y preocupaciones de los niños y jóvenes: sus mundos en sus propias palabras**

**Resumen** Los niños y los jóvenes son fuentes privilegiadas y competentes para dar a conocer sus visiones del mundo. Escucharlos es fundamental para crear y ampliar el conocimiento sobre su mundo social y cultural y su bienestar. Partiendo de este supuesto, este artículo pretende conocer los intereses y preocupaciones de una muestra de 1131 alumnos de 6.<sup>º</sup>, 9.<sup>º</sup> y 12.<sup>º</sup> curso. Los datos se recogieron mediante la aplicación de un cuestionario en 26 agrupaciones escolares de Portugal continental. Los resultados muestran que los niños y los jóvenes de la muestra atribuyen una importancia significativa a los medios de comunicación, otorgándoles un lugar destacado en sus vidas. Los medios de comunicación se consideran una fuente de interés y alegría, pero no una fuente de preocupación. La salud aparece como uno de los temas que más les preocupa, y la incertidumbre sobre el futuro preocupa a los alumnos mayores. La política es un tema que les interesa y les preocupa poco.

Palabras-clave: niños, jóvenes, medios de comunicación, intereses, preocupaciones, bienestar.

#### **Nota introdutória: as crianças e os jovens como fontes privilegiadas de informação**

As culturas infantis, apesar de serem reflexo da cultura da sociedade em geral e de se desenvolverem na socialização com os adultos, apresentam especificidades próprias (Sarmento, 2004). As crianças são vistas como sujeitos ativos na produção das suas próprias culturas e não como recetáculos passivos das culturas dos adultos (Sarmento, 2007). Elas constroem significados próprios sobre o contexto em que estão inseridas, têm capacidade de produção simbólica e de constituição das suas representações e crenças (Sarmento e Pinto, 1997). São, por isso, fontes privilegiadas para o conhecimento dos seus mundos. Nesse sentido, mais do que reconhecer que as suas visões e opiniões devem consideradas, importa reconhecer que têm esse direito, ou seja, têm o direito de expressar e de partilhar as suas visões sobre o mundo. Escutar as suas vozes é, portanto, essencial para (re)conhecer os seus mundos e para concretizar os seus direitos.

A aprovação da Convenção sobre os Direitos da Criança, em 1989, marcou uma viragem na forma de olhar para o estatuto das crianças. Como refere Almeida, “inaugura uma nova representação da criança e consagra o princípio do seu ‘superior interesse’” (2016: 20-21), dando visibilidade e importância à ideia de criança-cidadão (Pereira, 2000). Assiste-se a uma “apresentação pública de uma criança participativa, uma criança-sujeito que se impõe, agora, como interlocutor ativo dos seus educadores adultos” (Almeida, 2016: 21).

As crianças são atribuídas diferentes categorias de direitos, nomeadamente, o direito à participação (Comité Português para a UNICEF, 2019), aplicável hoje também aos ambientes digitais (Committee on the Rights of the Child, 2021). Destaca-se, naquela categoria, o direito a expressar a sua opinião e que esta seja tida em consideração nos assuntos que as afetam (artigo 12.<sup>º</sup>).

A atribuição de direitos parece, contudo, não ser suficiente. A partir dos resultados de um inquérito respondido por 11834 crianças e jovens, no quadro da iniciativa “Tenho Voto na Matéria” da UNICEF Portugal, essa ideia é clara: “as crianças têm direito a expressar os seus interesses e preocupações e de estes serem tidos em consideração pelos adultos, mas 70% continua a afirmar que não tem essa oportunidade” (UNICEF Portugal, 2023: 3). Mesmo no quadro de uma cultura participativa, “com barreiras relativamente baixas para a expressão artística e o envolvimento cívico” (Jenkins, 2009: 5), possibilita-se, mas não se assegura, que as vozes sejam proferidas, escutadas, reproduzidas e partilhadas (Pereira, Brandão e Pinto, 2021).

Encarando as crianças como seres no presente e não adultos em construção (Lee, 2001; Pereira, 2013), como protagonistas e atores sociais competentes e com direitos, em linha com o que a sociologia da infância tem procurado reconhecer, este artigo analisa as perspetivas de 1131 crianças e jovens com idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos, a frequentar os 6.<sup>º</sup>, 9.<sup>º</sup> e 12.<sup>º</sup> anos, sobre os seus interesses e preocupações, as suas alegrias e tristezas.

Pretende-se, com estes dados, expandir o conhecimento sobre os mundos das crianças e dos jovens, ligando-os com o seu bem-estar, assim como contribuir para a tomada de decisão e a concretização dos direitos dos mais jovens.

### **A voz das crianças e dos jovens e o seu bem-estar**

O conceito de “bem-estar” é um constructo não consensual e contestado, cujas definições são frequentemente descriptivas (Wood e Selwyn, 2017). De acordo com Rees *et al.* (2010: 8), “não existe uma definição consensual do termo ‘bem-estar’, no entanto, é geralmente definido como um conceito abrangente relativo à qualidade de vida das pessoas”. Shah e Marks (2004: 2) definem-no da seguinte forma: “o bem-estar é mais do que apenas felicidade. Para além de se sentir satisfeita e feliz, o bem-estar significa desenvolver-se como pessoa, sentir-se realizado e dar um contributo para a comunidade”. Ainda segundo os autores, o bem-estar é influenciado pelos pais (pela genética familiar); pelas circunstâncias da vida (salário, local onde se vive e outros fatores externos, como o clima); bem como pelas atividades quotidianas (amizade, envolvimento com a comunidade, desporto e tempo livre) (Shah e Marks, 2004).

As abordagens que propõem a medição do bem-estar assentam em dois tipos de dados: (1) medidas factuais objetivas (como os resultados escolares) e (2) bem-estar subjetivo (Wood e Selwyn, 2017). Neste campo, é ainda comum a distinção entre bem-estar subjetivo e psicológico, incluindo este último o sentido de propósito ou significado e crescimento pessoal (Rees *et al.*, 2010).

O bem-estar subjetivo “refere-se à forma como as pessoas avaliam a sua vida, tanto em geral como em domínios específicos (família, amigos, tempos livres, etc.)” (Navarro *et al.*, 2017: 176). De acordo com Rodríguez-Pose *et al.* (2024: 312), “julgamentos individuais e subjetivos sobre a satisfação com a vida e reações emocionais (positivas e negativas) aos acontecimentos da vida” definem o bem-estar subjetivo.

Tal como referem Navarro *et al.* (2017: 176), “hoje, existe um consenso de que não é possível determinar o bem-estar subjetivo das crianças e dos adolescentes sem lhes perguntar sobre isso diretamente”. A sua caracterização implica então uma autoavaliação (Diener, 1994; Rodríguez-Pose *et al.*, 2024), neste caso, da criança:

é a avaliação da satisfação com a vida e da felicidade pelas próprias crianças. Foi derivado do termo genérico “bem-estar infantil” e foi recentemente abordado por vários académicos como um indicador positivo do estatuto das crianças (Lippman *et al.*, 2011). Em comparação com os quadros anteriores sobre o bem-estar das crianças, que se centravam na sobrevivência, nas necessidades básicas e na identificação de fatores de risco negativos, a investigação recente destacou a importância de enfatizar os fatores positivos e as avaliações subjetivas da qualidade de vida global das crianças, em vez de se basear em avaliações definidas pelos adultos (Casas, 2011). (Park, Jung e Han, 2023: 16802)

Falar de bem-estar subjetivo das crianças é falar das suas próprias percepções sobre as suas vidas e o seu bem-estar (Andresen, Bradshaw e Kosher, 2019). Os estudos neste domínio consideram diferentes dimensões: família, amigos, bens, vida escolar e, mais recentemente, os efeitos das tecnologias, entre outros (Gündogan, 2022).

Com efeito, são vários os fatores com impacto no bem-estar subjetivo das crianças, que vão desde uma rede de apoio (familiar, de amigos, escola e comunidade), às condições de vida, idade, género e ambiente cultural específico (Rodríguez-Pose *et al.*, 2024). Tal como no caso dos adultos, as relações interpessoais são um importante fator para o bem-estar subjetivo das crianças e adolescentes, não se podendo ignorar as relações estabelecidas através das tecnologias audiovisuais (Casas, 2011). Aliás, já em 2011, Casas referia que estas teriam, possivelmente, um papel mais importante nas culturas infantis e juvenis do que nas culturas dos adultos.

Quando se procura conhecer a percepção que os mais jovens têm do seu próprio bem-estar e o que o influencia, percebe-se que a família e os amigos são, de facto, elementos essenciais (Navarro *et al.*, 2017). Reportamo-nos aqui a um estudo em torno da realidade espanhola, com participantes entre os 10 e os 15 anos (Navarro *et al.*, 2017). Na definição e nos fatores que contribuem para o bem-estar subjetivo encontram-se, em todas as idades, as relações familiares e com os amigos e a saúde. No que diz respeito aos fatores que reduzem o bem-estar subjetivo, também aparecem, em todas as idades, as relações com a família e os amigos. Aqui, surgem ainda os aspectos relacionados com a escola. Viver situações negativas com a família (doença, morte, discussões ou divórcio) ou com os amigos (discussões, mal-entendidos, críticas, insultos, os amigos não estarem ao seu lado quando precisam ou terem uma influência negativa) afeta-os negativamente. Na escola, afeta negativamente o seu bem-estar “(i) ter más notas; (ii) estudar muito e não ser aprovado; (iii) a pressão dos pais para estudarem; e (iv) ter muitos exames e trabalhos de casa” (Navarro *et al.*, 2017: 181). Considerando também outros fatores que os afetam positiva ou negativamente, apesar de não serem comuns a todas as faixas etárias, são mencionados: sentir-se bem consigo mesmo, aspirações/objetivos pessoais, jogar e

divertir-se com as tecnologias, relações interpessoais no geral e necessidades básicas (como comida, bebida e uma casa).

Embora neste artigo não esteja em causa a avaliação do bem-estar subjetivo das crianças e dos jovens, consideramos que analisar os assuntos que geram preocupação ou interesse, bem como tristeza ou alegria, nos pode dar pistas importantes para entender a sua (in)satisfação com as suas vidas e o seu bem-estar subjetivo. É a partir desta ideia que formulamos a questão de investigação que orienta este trabalho: “que interesses e que preocupações expressam crianças e jovens entre os 11 e os 19 anos?” Na secção seguinte descrevemos os métodos que orientaram esta parte do estudo.

## Métodos

Reconhecendo a necessidade e a importância de ouvir as crianças e os jovens para conhecer os seus mundos e os assuntos que lhes dizem respeito, encarando-as como seres sociais competentes e cidadãos com direitos, este artigo tem por base uma amostra constituída por 1131 crianças e jovens com idades entre os 11 e os 19 anos de idade, a frequentar o 6.<sup>º</sup>, o 9.<sup>º</sup> e o 12.<sup>º</sup> anos em escolas públicas nacionais. Partindo da questão “que interesses e que preocupações expressam crianças e jovens entre os 11 e os 19 anos?”, pretende-se conhecer e analisar o que, no mundo atual, preocupa e interessa as crianças e os jovens da amostra.

Este estudo, que integra o projeto de investigação “*b You: Estudo das vivências e expressões de crianças e jovens sobre os media*”, financiado pela FCT, tem por base dados provenientes de um questionário digital aplicado a nível nacional. Para a sua aplicação foi solicitada autorização à Direção-Geral da Educação e às direções dos agrupamentos de escolas. Foi também solicitado consentimento aos próprios participantes e aos seus encarregados de educação, através do preenchimento de um consentimento informado disponibilizado e enviado previamente.

Segundo uma técnica de amostragem não probabilística, o questionário foi distribuído por alunos de 26 agrupamentos de escolas de 23 unidades territoriais de Portugal continental. Os critérios de seleção tiveram em consideração as NUTS III,<sup>1</sup> tendo-se contemplado mais três agrupamentos: um da cidade de Braga, por ser o local onde se desenvolve o estudo; outro da área metropolitana do Porto e outro da área metropolitana de Lisboa.

O questionário, aplicado no primeiro semestre de 2022, totalizou uma amostra de 1131 crianças e jovens dos 11 aos 19 anos,<sup>2</sup> de 78 turmas (26 do 6.<sup>º</sup>, 26 do 9.<sup>º</sup>, 26 do 12.<sup>º</sup>). A caracterização da amostra é apresentada no quadro 1<sup>3</sup> e no quadro 2.

1 Considerou-se a nomenclatura das unidades territoriais para fins estatísticos vigente à data de execução do estudo.

2 Nos questionários, apenas 1,7% da amostra tem 19 anos. A distribuição das idades é a seguinte: 11 anos 20,9%; 12 anos 9,9%; 13 anos 1,1%; 14 anos 21,8%; 15 anos 8,8%; 16 anos 2,0%; 17 anos 23,1%; 18 anos 10,8%; 19 anos 1,7%.

**Quadro 1** Caraterização da amostra por ano de escolaridade e sexo

Ano	Rapariga	Rapaz	Prefiro não dizer	Total
6.º ano	185	160	12	357
9.º ano	180	182	14	376
12.º ano	259	131	8	398
Total	624	473	34	1131

**Quadro 2** Caraterização da idade por ano de escolaridade

Ano	Média	Mediana	Desvio--padrão	Mínimo	Máximo
6.º ano	11,4	11	0,6	11	14
9.º ano	14,4	14	0,7	13	18
12.º ano	17,4	17	0,6	17	19
Total	14,5	14	2,5	11	19

A análise estatística dos questionários foi realizada recorrendo ao *software* IBM SPSS Statistics. A codificação das perguntas abertas (relativas aos assuntos que provocam mais tristeza e aos que provocam mais alegria) foi realizada após a leitura de todas as respostas dadas pelos inquiridos e originou a criação de categorias. Estas, depois de submetidas a um processo de validação interna interpares, foram tratadas e analisadas com recurso ao SPSS.

Sempre que se revele oportuno, e como forma de aprofundar a informação obtida, estes dados são confrontados/complementados com os resultados de 59 grupos de foco realizados com uma subamostra de participantes que preencheram o questionário. Os grupos focais foram realizados em oito agrupamentos de escolas de Portugal continental, envolvendo 390 alunos: 127 do 6.º ano, 136 do 9.º ano e 127 do 12.º ano. Destes, 206 são raparigas e 184 são rapazes.

## Resultados

Nos seus tempos livres, as crianças e os jovens apreciam sobretudo realizar atividades que envolvem os *media*, nas quais se incluem ouvir música, ver séries, filmes, documentários, ir ao cinema, jogar videojogos, etc. (44,2% das respostas), bem como atividades desportivas, de passeio e ar livre (35,7%). No 6.º ano, este último tipo de atividades tem mais expressão do que aquelas realizadas com os *media*, reduzindo-se

3 A opção “prefiro não dizer” relativamente ao sexo não foi contemplada nos cruzamentos de variáveis já que apenas foi selecionada por 3,0% da amostra, tornando o teste não fiável. Por este motivo, também não é considerada na apresentação de resultados.

**Quadro 3** Atividades que as crianças e os jovens da amostra mais gostam de fazer nos tempos livres, por ano de escolaridade (em %)

	6.º ano	9.º ano	12.º ano	Total
Atividades com os <i>media</i>	39,4	45,8	46,7	44,2
Atividades culturais e artísticas	13,4	13,1	10,8	12,4
Atividades de rotina diária	2,6	3,5	0,8	2,2
Atividades desportivas, de passeio e ar livre	43,1	35,4	29,4	35,7
Atividades escolares e extraescolares	1,1	0,8	0,8	0,9
Conviver com família, amigos, colegas e namorado	7,1	13,7	18,6	13,4
Jogos e outras atividades lúdicas	5,7	1,6	1,5	2,9
Outro	2,0	1,1	1,5	1,5

Nota: Pergunta de resposta múltipla (% dos casos válidos; n = 1121).

este interesse à medida que o ano de escolaridade avança. Por oposição, a preferência por atividades com os *media* tende a crescer com o ano de escolaridade (logo, a idade). Conviver com a família, os amigos e os colegas surge em terceiro lugar, mas com uma percentagem bem mais reduzida (13,4%). A preferência por esta convivência aumenta nos anos de escolaridade mais avançados. Já o interesse por atividades culturais e artísticas reduz-se entre os mais velhos. As atividades escolares e extraescolares surgem mencionadas como preferidas por um grupo muito residual de inquiridos (0,9%). O quadro 3 apresenta estes dados.

Relativamente às diferenças entre rapazes e raparigas, será de destacar, entre os rapazes, a maior expressão das atividades desportivas, de passeio e ar livre (48,7% dos rapazes e 26,7% das raparigas) face às atividades com os *media* (39,1% dos rapazes e 47,3% das raparigas). As preferências dos rapazes estão mais concentradas nas atividades com os *media* e atividades desportivas, de passeio e ar livre, havendo uma maior dispersão das preferências das raparigas entre as restantes opções.

Entre os assuntos de que mais falam com os amigos, os *media* e os amigos estão em destaque, com uma dispersão pouco significativa das respostas. A partir da média das respostas (numa escala de 1 a 5 pontos) (ver quadro 4), percebe-se que depois de conversas sobre dois agentes determinantes no contexto das suas vidas — os pares (4,15) e a escola (3,94) — seguem-se os *media*, primeiro numa dimensão que podemos entender como mais associada ao entretenimento (séries - 3,78), mas também numa outra formativa/informativa (por exemplo, notícias/assuntos da actualidade - 3,58). As conversas sobre a família (3,52) surgem depois das séries (3,78), tecnologia e *media* (internet, redes sociais, televisão, rádio, jornais, etc. - 3,77), filmes (3,72), música (3,58) e notícias/assuntos da actualidade (3,58). No caso dos rapazes, o lugar dos *media* é ainda mais expressivo: os videojogos (4,00), o desporto (3,74) e a tecnologia e *media* (3,73) surgem como temas ligeiramente mais frequentes nas suas conversas do que a escola (3,68).

Os distintos *media* não recebem o mesmo nível de interesse nas conversas. Em pólos opostos encontram-se as séries (3,78), abordadas com maior frequência, e as

**Quadro 4** Assuntos de que as crianças e os jovens falam com os amigos, por ano de escolaridade

	6.º ano			9.º ano			12.º ano			Total da amostra			Valor-p
	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	
Amigos	357	4,18	1,00	376	4,13	0,89	398	4,13	0,86	1131	4,15	0,92	0,133
Escola	357	3,84	1,13	376	3,86	1,00	398	4,10	0,86	1131	3,94	1,00	<b>0,003</b>
Séries	357	3,73	1,05	376	3,80	1,08	398	3,81	0,95	1131	3,78	1,02	0,460
Tecnologia e meios de comunicação	357	3,79	1,09	376	3,79	1,03	398	3,72	0,95	1131	3,77	1,02	0,182
Filmes	357	3,71	1,03	376	3,72	1,06	398	3,72	0,94	1131	3,72	1,01	0,952
Música	357	3,35	1,17	376	3,6	1,02	398	3,76	0,97	1131	3,58	1,06	<b>0,000</b>
Notícias/ assuntos da atualidade	357	3,23	1,18	376	3,5	1,11	398	3,97	0,86	1131	3,58	1,09	<b>0,000</b>
Família	357	3,54	1,19	376	3,46	1,07	398	3,55	1,00	1131	3,52	1,09	0,310
Celebridades/ influenciadores digitais	357	3,62	1,22	376	3,51	1,11	398	3,28	1,08	1131	3,46	1,14	<b>0,000</b>
Desporto	357	3,45	1,14	376	3,44	1,09	398	3,29	1,16	1131	3,39	1,13	0,092
Namorados/ namoradas	357	3,06	1,36	376	3,48	1,22	398	3,51	1,06	1131	3,36	1,23	<b>0,000</b>
Viagens	357	2,91	1,11	376	3,1	1,08	398	3,58	1,02	1131	3,21	1,10	<b>0,000</b>
Saúde	357	3,22	1,25	376	3,04	1,05	398	3,32	0,98	1131	3,20	1,10	<b>0,001</b>
Aparência física/ beleza	357	2,90	1,3	376	3,31	1,15	398	3,37	1,05	1131	3,20	1,18	<b>0,000</b>
Videojogos	357	3,50	1,32	376	3,31	1,36	398	2,60	1,32	1131	3,12	1,39	<b>0,000</b>
Sexualidade	357	2,33	1,21	376	3,12	1,24	398	3,40	1,02	1131	2,97	1,24	<b>0,000</b>
Moda	357	2,66	1,35	376	2,90	1,32	398	3,09	1,21	1131	2,89	1,30	<b>0,000</b>
Gastronomia/ alimentação	357	2,72	1,26	376	2,78	1,13	398	3,00	1,09	1131	2,84	1,16	<b>0,001</b>
Questões ambientais	357	2,88	1,06	376	2,62	1,01	398	2,93	0,95	1131	2,81	1,01	<b>0,000</b>
Artes e espetáculos	357	2,64	1,19	376	2,47	1,10	398	2,58	1,03	1131	2,56	1,11	0,073
Política	357	1,91	1,05	376	2,15	1,06	398	2,90	1,08	1131	2,34	1,15	<b>0,000</b>
Religião	357	2,20	1,19	376	2,09	1,02	398	2,22	0,95	1131	2,17	1,05	0,066
Telenovelas	357	2,08	1,19	376	1,98	1,16	398	2,07	1,14	1131	2,04	1,16	0,248

Nota. N = número válido de casos; M = média; DP = desvio padrão; escala de Likert: 1 = nunca a 5 = sempre; resultados de acordo com o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis a 95% de confiança com a correção de Bonferroni (os valores estatisticamente significativos estão assinalados a negrito).

telenovelas, com menor (2,04), sendo de notar um maior interesse das raparigas (2,33) por este último tipo de conteúdo do que dos rapazes (1,70).

As notícias acolhem algum interesse nos alunos do 12.º ano, ocupando o terceiro lugar dos assuntos mais falados com os amigos (3,97). O mesmo acontece com a política, embora de forma menos expressiva (2,90).

Os dados recolhidos no âmbito dos grupos de foco reforçam a importância dos *media*, mas também das atividades desportivas e artísticas. Os *media* são comentados sobretudo numa visão positiva, sendo por vezes apresentados como um modo de ultrapassar ou de evasão de problemas, o que não significa que ignorem a existência de dimensões negativas.

Entre as atividades desportivas e artísticas, surgem mais frequentemente as desportivas, com grande variedade. Estas também são algumas vezes apresentadas como um modo de ultrapassar ou de fugir de problemas e de alcançar o bem-estar.

O tema da guerra assume particular destaque nos resultados dos grupos de foco, sendo de notar que estes foram realizados pouco tempo depois do início da guerra na Ucrânia (24 de fevereiro de 2022).

**Quadro 5** Assuntos que preocupam as crianças e os jovens da amostra, por ano de escolaridade

	6.º ano			9.º ano			12.º ano			Total			Valor-p
	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	
Saúde	357	4,71	0,70	376	4,44	0,83	398	4,48	0,78	1131	4,54	0,78	<b>0,000</b>
Futuro profissional	357	4,38	0,92	376	4,44	0,82	398	4,61	0,71	1131	4,48	0,82	<b>0,001</b>
Racismo	357	4,32	0,85	376	4,20	0,94	398	4,33	0,79	1131	4,29	0,86	0,149
Crime e violência	357	4,41	0,86	376	4,16	0,93	398	4,29	0,82	1131	4,28	0,87	<b>0,000</b>
Direitos humanos	357	4,24	0,89	376	4,10	0,89	398	4,36	0,81	1131	4,23	0,87	<b>0,000</b>
Liberdade de expressão	357	4,23	1,02	376	4,09	1,01	398	4,30	0,92	1131	4,21	0,99	<b>0,008</b>
Pobreza	357	4,39	0,87	376	3,98	1,04	398	4,24	0,88	1131	4,20	0,95	<b>0,000</b>
Desemprego	357	4,16	1,01	376	4,04	1,01	398	4,35	0,82	1131	4,18	0,96	<b>0,000</b>
Depressão/ ansiedade	357	4,17	1,10	376	3,98	1,15	398	4,35	0,90	1131	4,17	1,06	<b>0,000</b>
Guerra	357	4,21	1,03	376	4,00	1,07	398	4,25	0,90	1131	4,15	1,01	<b>0,002</b>
Desigualdades sociais	357	4,20	0,97	376	3,99	0,99	398	4,24	0,86	1131	4,14	0,94	<b>0,001</b>
Questões ambientais/ alterações climáticas	357	4,21	0,99	376	3,88	0,96	398	4,12	0,88	1131	4,07	0,95	<b>0,000</b>
Solidão/ isolamento social	357	4,18	0,98	376	3,85	1,12	398	4,02	1,01	1131	4,01	1,05	<b>0,000</b>
Cyberbullying	357	4,28	0,94	376	3,85	1,09	398	3,87	0,99	1131	3,99	1,03	<b>0,000</b>
Escola	357	4,15	0,99	376	3,70	1,11	398	3,95	1,04	1131	3,93	1,06	<b>0,000</b>
Falta de aceitação por parte de amigos	357	4,26	1,07	376	3,81	1,24	398	3,65	1,29	1131	3,90	1,23	<b>0,000</b>
Drogas	357	4,16	1,21	376	3,70	1,21	398	3,30	1,24	1131	3,70	1,27	<b>0,000</b>
Discursos de ódio online	357	3,77	1,10	376	3,48	1,18	398	3,74	1,05	1131	3,66	1,12	<b>0,001</b>
Desinformação/ notícias falsas	357	3,57	1,09	376	3,20	1,05	398	3,52	0,98	1131	3,43	1,05	<b>0,000</b>
Conflitos políticos, sociais ou religiosos	357	3,22	1,18	376	3,27	1,10	398	3,67	1,01	1131	3,40	1,11	<b>0,000</b>
Álcool	357	3,90	1,23	376	3,30	1,20	398	2,91	1,21	1131	3,35	1,28	<b>0,000</b>
Política	357	2,69	1,21	376	2,80	1,19	398	3,43	1,08	1131	2,99	1,20	<b>0,000</b>

Nota. N = número válido de casos; M = média; DP = desvio padrão; escala de Likert: 1 = não me preocupa nada a 5 = preocupa-me muitíssimo; resultados de acordo com o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis a 95% de confiança com a correção de Bonferroni (os valores estatisticamente significativos estão assinalados a negrito).

Regressando novamente aos questionários, os resultados evidenciam a saúde como o assunto que mais preocupa (4,54), gerando um grau de preocupação ligeiramente superior nos alunos do 6.º ano (quadro 5). Este resultado estará relacionado com a pandemia de Covid-19 ainda a ser vivida no momento de aplicação dos questionários. Os grupos de foco, realizados já num período de desconfinamento, confirmaram esta percepção. Os participantes falaram do receio pela sua saúde e dos seus familiares, em particular dos seus avós. Mas falaram também muito da sua saúde mental, mostrando-se preocupados por não ser um assunto muito debatido nem valorizado.

Ainda nos primeiros lugares, há uma preocupação com o futuro profissional (4,48), racismo (4,29), crime e violência (4,28) e direitos humanos (4,23). Entre os cinco assuntos mais expressivos, no caso das raparigas, estão a saúde (4,59), o futuro profissional (4,58), depressão e ansiedade (4,51), o racismo (4,51) e crime e violência (4,49). No caso dos rapazes, surgem nas primeiras cinco posições a saúde (4,48), o futuro profissional (4,37), o crime e a violência (4,02), o desemprego (4,00) e o racismo (4,00). Como se pode verificar, a saúde e o futuro profissional são

assuntos comuns a rapazes e raparigas em termos de maior preocupação, sendo também comum o crime e violência e o racismo. O desemprego, embora surja entre as cinco principais preocupações dos rapazes e não nas das raparigas, assume, ainda assim, um nível mais elevado de preocupação no sexo feminino (4,32) do que no masculino (4,00). A depressão e a ansiedade é uma preocupação mais forte das raparigas (4,51) do que dos rapazes (3,73). De notar que as raparigas expressam mais preocupação do que os rapazes em todos os assuntos.

Considerando a totalidade dos participantes, a preocupação com a guerra (4,15) surge em décimo lugar. Embora não sendo uma situação vivenciada de perto, a mediatização dos conflitos bélicos, e o receio de uma guerra mundial, coloca o assunto na sua lista de preocupações.

As questões ambientais, também amplamente mediatizadas e nas quais os jovens assumiram um forte protagonismo a partir do movimento iniciado em 2018 por Greta Thunberg e da ação “Sextas pelo futuro”, ocupam (apenas) o 12.º lugar das suas preocupações (4,07). De salientar que este assunto colhe mais preocupação junto dos alunos do 6.º ano de escolaridade (4,21) e menos nos alunos do 9.º ano (3,88), sendo esperável precisamente o contrário, pelo suposto envolvimento dos alunos mais velhos nas ações públicas pelo clima. De referir que este assunto também não estava entre os mais frequentes nas conversas com os amigos (2,81).

No último lugar do ranking surge a política (2,99), que também é referido como o menos frequente nas conversas com os amigos (2,34). Se considerarmos a média (e considerando que 2 corresponde a “preocupa-me pouco”), de um modo geral, este é o único assunto que, entre os apresentados, os preocupa pouco. É de notar, ainda assim, que a preocupação aumenta com a idade e que no 12.º surge como o quinto assunto que mais os preocupa (3,43). As conversas dos grupos de foco, sobretudo com os estudantes do 12.º ano, são muito elucidativas a propósito do (des)interesse dos jovens pela política. Vejamos algumas dessas falas:

No geral todas as notícias me chamam à atenção, exceto aquelas que falam sobre política porque eu não percebo nada de política, acho que a escola nunca nos explica... não percebo nada disso, então não me chama a atenção. Na escola podia haver uma disciplina relacionada com a política e com a nossa vida [...]. E depois ainda nos culparam de nós não querermos votar. Eu não vou votar numa coisa que não sei o que é [Catarina, 18 anos, 12.º ano].

Eu já me interessei menos pela política, mas depois chega a um ponto que é um bocado inevitável porque vemos as coisas a acontecer e é normal querermos saber o que é que se passa [Pedro, 18 anos, 12.º ano].

Eu tenho interesse em tudo. Política nem tanto [Martim, 18 anos, 12.º ano].

O que mais me interessa é a política. E até me costumam chamar “maluquinho”, porque eu gosto de ver os debates políticos, eu consigo estar uma tarde inteira a acompanhar um debate no canal do parlamento [Lourenço, 18 anos, 12.º ano].

Acho que não há um esforço em envolver os jovens na política. Acho que não nos ensinam sobre política ao longo da nossa adolescência para nós nos irmos habituando e perceber melhor [Camila, 17 anos, 12.<sup>º</sup> ano].

Acho que os jovens são o futuro do mundo e deviam ser mais ouvidos e a política devia ser um assunto para os jovens, porque há muitos jovens que vão fazer 18 anos que não fazem ideia do que é que é a direita e a esquerda, em quem votar, o que é que cada partido diz e quer fazer, e acabam por não votar. E nós não percebemos que há muitas mulheres e homens que morreram para nós hoje em dia podermos votar. Falta falar de política na escola. Falta uma disciplina que nos diga isto, que não seja só estudar para os testes e dar matéria [Caetana, 17 anos, 12.<sup>º</sup> ano].

Os jovens que não se interessam pela política ou que votam por brincadeira são os mesmos que depois reclamam como o país está, e não fazem nada... Acho que a política devia ser mais falada na escola porque muitos não sabem como é que funciona, em quem votar. É pouco falado. E como não tem muito conhecimento desinteressam-se e não sabem em quem votar. Acho que a política não está ligada ao mundo dos jovens, muitos acabam por não entender bem as palavras que os políticos usam e o que querem dizer e isso inibe a participação [Eva, 18 anos, 12.<sup>º</sup> ano].

Os jovens, principalmente os mais velhos, têm noção da importância da política para a suas vidas e para a vida coletiva, mas esta importância nem sempre resulta num real interesse. Por outro lado, as falas das raparigas remetem-nos para a falta de informação ou a dificuldade em informarem-se sobre o assunto. A escola surge como o contexto em que gostariam de discutir política, contudo, pelo que referem, esse debate não acontece. Os meios de comunicação, nomeadamente a televisão, também não são considerados boas fontes de informação a este respeito, não só pela (má) representação da política, dos políticos e dos partidos, mas também porque gostariam de poder fazer um diálogo em que pudessem esclarecer as suas dúvidas e debater as suas ideias.

De referir também que para muitos outros, em especial para os mais novos, a política é vista como “aborrecida” ou “difícil de entender” e alguns estudantes do 9.<sup>º</sup> ano comentam com algum cinismo as motivações dos políticos.

Como já anotado anteriormente, o modo como o assunto da guerra marcava a agenda mediática, à data dos grupos de foco, terá tido impacto na expressão desta preocupação, como mostram as citações abaixo.

A pandemia já foi um assunto mais preocupante, porque agora a guerra preocupa-nos mais, sendo que a Covid já se está a tornar uma doença como as outras [Eva, 18 anos, 12.<sup>º</sup> ano].

Desde que começou a guerra na Ucrânia a situação da COVID tornou-se menos preocupante [Cristina, 17 anos, 12.<sup>º</sup> ano].

Neste momento o assunto que mais me interessa e preocupa é a guerra entre a Rússia e a Ucrânia [Bruna, 14 anos, 9.<sup>º</sup> ano].

O que está agora na moda é a guerra... É um pouco difícil de saber o que pode acabar com esta guerra... porque se a Europa entra muito na guerra depois a guerra também vem para nós e torna-se uma terceira guerra mundial. A Europa não está de braços cruzados porque está a ter sanções económicas, e também está a recolher os refugiados, mas não está no terreno [Ana, 15 anos, 9.º ano].

O assunto que me interessa, não no bom sentido, são as guerras... estou interessado na guerra da Ucrânia, quero ver como é que vai acabar [Simão, 11 anos, 6.º ano].

A guerra [interessa-me]. É importante porque é o nosso mundo [Rui, 12 anos, 6.º ano].

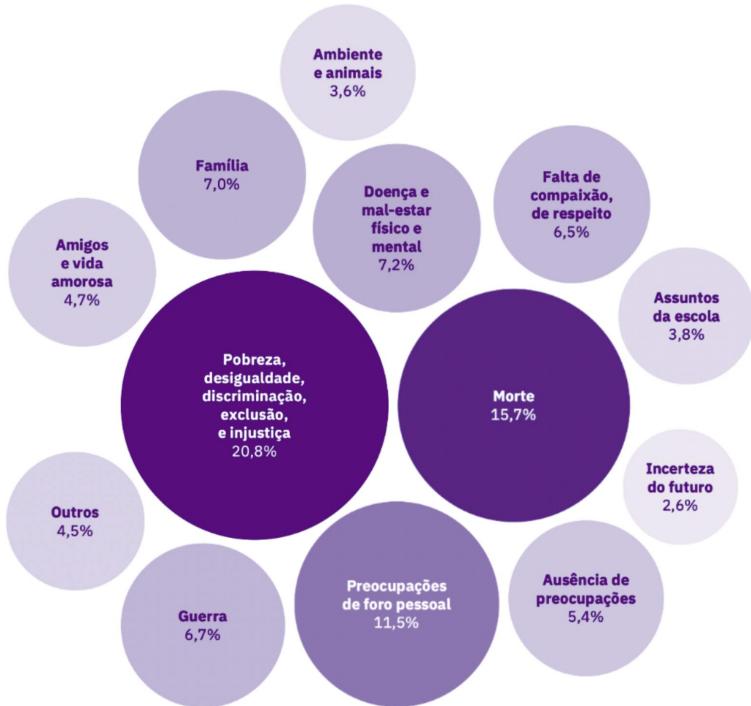
No âmbito da doença e mal-estar físico e mental, destaca-se sobretudo a Covid-19, denotando-se no entanto, nos seus discursos, um tom de regresso ao “normal”. A saúde mental é uma matéria em destaque, surgindo frequentemente associada ao contexto escolar. O futuro, com expressão nos 9.º e 12.º anos, traduz-se no medo de não entrarem na universidade, de não arranjarem emprego, de não gostarem do emprego que venham a ter, de ganharem pouco dinheiro ou de não atingirem os seus objetivos, estando patente que estão perante um momento de escolhas.

As preocupações não são espelhadas diretamente nas tristezas. De acordo com os dados dos questionários, entre os assuntos que provocam mais tristeza (figura 1), estão, em primeiro lugar, questões relacionadas com a pobreza, desigualdades, discriminação, exclusão e injustiça (20,8% das respostas), as quais contemplam tópicos associados a direitos, preconceitos, homofobia, entre outros. Esta resposta não surpreende se considerarmos que entre os assuntos que os preocupavam mais estavam, por exemplo, racismo, crime e violência e direitos humanos. Em segundo lugar, surge a morte (perda de familiares, amigos, crianças, animais, com 15,7% das respostas) e, em terceiro, preocupações do foro pessoal (inseguranças e erros pessoais, ser julgado e gozado, falta de autoestima, etc., com 11,5% das respostas).

No caso dos alunos do 6.º ano, é a morte que ocupa o primeiro lugar, reduzindo-se a sua expressão ao longo dos anos (22,8% no 6.º, 13,5% no 9.º e 11,5% no 12.º). Em sentido contrário, ou seja, a aumentar com a progressão do ano de escolaridade, surge a categoria pobreza, desigualdades, discriminação, exclusão e injustiça (16,3% no 6.º, 19,7% no 9.º e 26,0% no 12.º) e a das preocupações de foro pessoal (9,6% no 6.º, 12,4% no 9.º e 12,5% no 12.º) enquanto assunto que lhes provoca mais tristeza. Não há variações nos primeiros três lugares em função do sexo.

A doença e mal-estar físico e mental (Covid-19, depressão, ansiedade, solidão, isolamento e saúde mental), com destaque entre as preocupações, fica em quarto lugar (com 7,2% das respostas) entre o que lhes provoca mais tristeza. A guerra fica em sexto (6,7%) e a incerteza face ao futuro em último (2,6%), tendo este último aspeto uma expressão mais considerável no 12.º ano (6.º ano 0,6%, 9.º 1,9% e 12.º 5,1%).

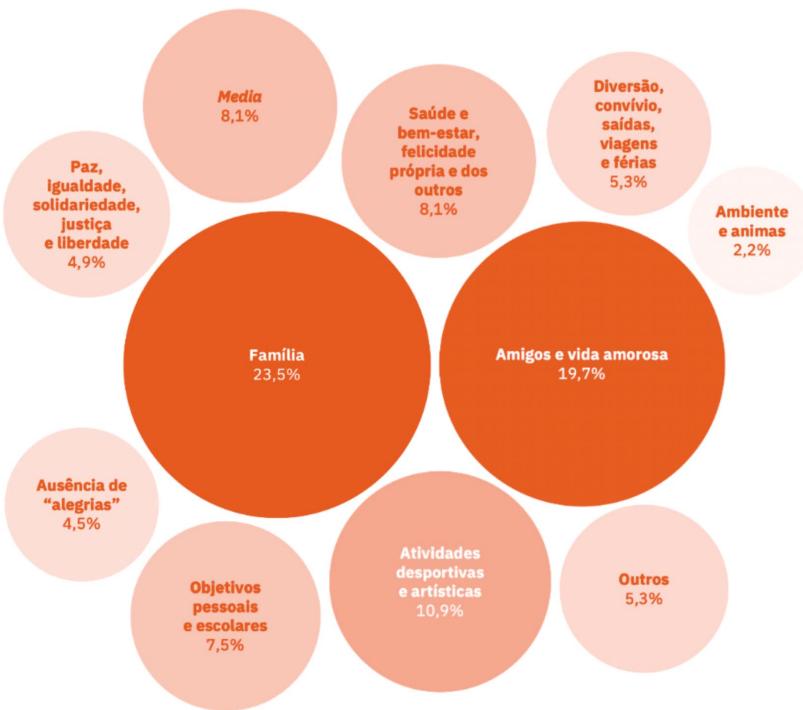
Há ainda quem refira não ter preocupações e quem não as identifique (5,4%). Nos outros (4,5%) estão incluídas questões como partir o telemóvel, jogos, o passado, a velocidade do tempo, a desinformação e a ignorância.



**Figura 1** Assuntos que provocam mais tristeza (n=1118)

No que diz respeito ao que lhes provoca mais alegria (figura 2), destaca-se, sem dúvida, a família (23,5%), os amigos e as relações amorosas (19,7%) e, com uma expressão bastante menor, as atividades desportivas e artísticas (10,9%), que se destacam entre as atividades que mais gostam de fazer nos seus tempos livres. As primeiras duas reduzem a sua expressão consoante progridem os anos de escolaridade (família 27,4% no 6.º, 22,5% no 9.º e 21,0% no 12.º; amigos e vida amorosa 23,4% no 6.º, 19,2% no 9.º e 16,7% no 12.º). Os objetivos pessoais e escolares (ser rico, alcançar o que querem, dinheiro, futuro, ter um emprego, etc.) aumentam a sua expressão à medida que progride o ano de escolaridade, ficando em terceiro lugar no 12.º ano, (4,5% no 6.º, 7,6% no 9.º e 10,3% no 12.º), o que se alinha com os resultados obtidos a propósito das preocupações face ao futuro.

Os *media*, que alcançavam uma importante expressão nas atividades preferidas e nos interesses, surgem, na globalidade das respostas, em quinto lugar no que lhes provoca mais alegria (8,1%), aumentando entre os mais velhos (6,5% no 6.º, 7,6% no 9.º e 10,0% no 12.º). Pensando numa outra instituição de socialização, a escola, que era dos assuntos mais frequentes nas conversas com os amigos, encontra-se apenas de forma indireta entre o que os faz mais felizes: objetivos pessoais e escolares (ser rico, alcançar o que querem, dinheiro, futuro, ter um emprego, etc., com 7,5% de respostas). Por outro lado, importa recordar que os “assuntos da



**Figura 2** Assuntos que provocam mais alegria (n=1113)

escola” aparecem entre os que lhes provocam mais tristeza (estudar, testes, trabalhos de casa, falta de tempo, pressão e insucesso, com 3,8% de respostas). Se olharmos para os resultados dos grupos de foco, percebe-se que a escola surge como um espaço associado ao mal-estar, sobretudo, pela pressão e a ansiedade que lhes cria.

Na categoria “outros” (5,3%) surgem assuntos como escravatura (quererão referir-se às novas formas de escravatura no trabalho?), Deus, sexo/sexualidade, história e política.

Em relação às diferenças entre rapazes e raparigas, observa-se uma diferença considerável. Se considerarmos os três assuntos que mais se destacam, no caso dos rapazes, a ordem é a seguinte: família (21,4%), atividades desportivas e artísticas (19,4%) e amigos e vida amorosa (17,3%). No caso das raparigas, mantém-se em primeiro lugar a família (25,6%), seguida dos amigos e da vida amorosa (22,1%) e dos media (9,7%).

É de referir que existe evidência estatística para considerar uma associação entre o “ano de escolaridade” e o “assunto que provoca mais tristeza na vida” ( $p < 0,001$ ), verificando-se o mesmo para o “sexo” e o “assunto que provoca mais tristeza na vida” ( $p < 0,001$ ).

De igual modo, existe evidência estatística para considerar que existe uma associação entre o “ano de escolaridade” e o “assunto que provoca mais alegria na

vida” ( $p < 0,001$ ), verificando-se o mesmo para o “sexo” e o “assunto que provoca mais alegria na vida” ( $p < 0,001$ ). Em todos os testes de hipóteses realizados foi considerado um erro de tipo I = 5% (ou nível de significância = 0,05).

## Discussão e considerações finais

Este artigo integra um projeto de investigação mais amplo que pretende estudar as vivências mediáticas de crianças e jovens e as suas expressões sobre e nos *media*. Neste âmbito, interessou-nos conhecer os interesses e as preocupações, bem como as alegrias e as tristezas, da amostra do estudo. Sendo esta uma geração que nasceu na era digital e que vive num mundo profundamente mediatizado (Couldry e Hepp, 2017), foi nosso objetivo identificar os assuntos que fazem parte das suas conversações diárias, nomeadamente com os seus pares, e aqueles que estão no centro dos seus interesses e preocupações, causando alegria ou tristeza. Era também nosso objetivo perceber se os assuntos mais mediatizados eram aqueles que estavam nessas suas agendas e se os próprios *media*, tão presentes nas suas vidas, faziam parte das mesmas.

Deste projeto sobressai a forte presença dos *media* nas vidas das crianças e dos jovens inquiridos, evidenciando-se como centrais nos seus tempos livres, como já demonstrado por outros estudos (e.g., Andrade *et al.*, 2021). A sua cultura é cada vez mais uma cultura da internet, estando os *media*, nos países de elevado rendimento, subjacentes a todas as dimensões da infância, não só do lazer, mas contribuindo também para “a aprendizagem, a informação, a saúde, a política e muito mais” (Livingstone, 2022: 110).

Tal como demonstram os resultados deste estudo, os *media* apresentam-se como importantes mediadores do mundo, sendo sobretudo motivo de interesse e de alegria. É de notar que não são assinalados como preocupação nem são motivo para tristeza. Usados para fins de entretenimento, mas também de conversação, será de registar que, se de facto as relações interpessoais têm um importante papel no bem-estar dos jovens, não se poderá ignorar a importância das relações estabelecidas através das tecnologias, como já anotado por Casas (2011) uns bons anos antes.

As atividades desportivas e artísticas, mas também a família, os amigos e as relações amorosas, assumem particular importância entre interesses e alegrias. Ao contrário da família, que é apontada como motivo de alegria, a escola, que surge entre os assuntos mais frequentes nas conversas com os amigos, é em geral associada a um mal-estar, sobretudo pela pressão e ansiedade que lhes causa. Estes resultados não se desalinhgam com as conclusões do estudo de Navarro *et al.* (2017), em que a escola surgia como um dos fatores que reduzia o bem-estar subjetivo entre participantes de todas as idades. Com efeito, neste estudo, em particular a partir das discussões nos grupos de foco, são tecidas duras críticas à escola por alunos dos três anos de escolaridade. Percebe-se que para muitos dos participantes a escola é perturbadora do seu bem-estar, sendo apontadas como razões para isso a pressão por boas notas (também extensível aos pais), a carga horária excessiva, o tempo que passam na escola e que não lhes permite ter disponibilidade para outras atividades, os métodos de ensino desatualizados e a memorização que lhes está associada,

bem como o desgaste físico e psicológico que sentem. A este respeito, são notórias algumas falas, pelo nível de reflexão que denotam, nomeadamente esta de uma aluna de 12 anos, do 6.<sup>º</sup> ano de escolaridade: “os professores preocupam-se mais com as notas do que com a saúde dos alunos”. Ou esta de um aluno de 15 anos, do 9.<sup>º</sup> ano: “aqui na escola nós somos quase vistos como números, porque não pensam em nós como cada pessoa que nós somos”. Ou ainda esta, de uma aluna de 18 anos, do 12.<sup>º</sup> ano: “a saúde mental devia ser discutida mais na escola. Os professores deviam ter mais consideração pelo facto de o contexto da escola poder perturbar-nos. Eu tenho muito stresse com a escola”. A saúde mental, que os jovens consideram que é colocada em risco pelo stresse causado pela instituição escolar, surge como uma das suas preocupações mais constantes, associada à depressão e à ansiedade que muitos dizem viver.

Como foco de preocupações, surgem assuntos que marcam a atualidade e a agenda mediática à data da realização do estudo, nomeadamente a saúde (relacionado com a pandemia Covid-19) e a guerra (na Ucrânia). Curiosamente, considerando que, “nos últimos anos, o movimento juvenil para as alterações climáticas ganhou um destaque extraordinário através de greves e manifestações escolares e de uma forte presença *online*” (Carvalho, Russill e Doyle, 2021: 9), as questões climáticas não apareceram com particular destaque. Com efeito, durante os grupos de foco, apercebemo-nos que alguns dos participantes não sabiam quem era a ativista pelo clima Greta Thunberg nem estavam a par da greve climática dos estudantes. Não podemos, ainda assim, ignorar aqueles que estavam informados a este propósito e, portanto, atender à diversidade dentro dos grupos. Como nos recordam Rebelo *et al.* (2023: 21), num outro estudo centrado no público juvenil,

embora as questões climáticas sejam valorizadas e vistas como relevantes para as vidas dos jovens, nem todos as consideram prioritárias. Por exemplo, os jovens diretamente afetados por barreiras estruturais como a pobreza ou a discriminação social consideram outras lutas sociais e políticas mais urgentes.

Para o total da amostra, a política é o assunto que menos os preocupa, aumentando ligeiramente a preocupação no 12.<sup>º</sup> ano, momento em que o seu direito ao voto começa a estar presente. Este último lugar não será propriamente surpreendente, considerando que se tem vindo a aludir a um maior défice na cultura cívica associado aos mais jovens, colocando-se, umas vezes, a tônica na sua apatia, outras, no entretenimento mediático e na cultura do consumo e, outras ainda, no afastamento dos políticos das questões que preocupam os jovens e da comunicação com eles (Banaji e Buckingham, 2013). Em geral, são os estudantes mais velhos que, mesmo não tendo interesse por política, têm consciência da sua importância e se mostram preocupados com o seu próprio desinteresse. Estes jovens parecem sentir pouca motivação para serem cidadãos politicamente informados e participantes ativos na esfera política. Atendendo a estes dados e parafraseando Buckingham (2000: 98), fica a questão: “há motivos significativos para preocupação quanto ao futuro da democracia”? Outra questão que estes dados também nos levantam, na linha de conclusão de

Buckingham (2000: 98), é se “de alguma forma, a falta de interesse pela política parece ser entendida como parte da condição de ser criança”.

Um aspeto interessante a registar é o facto de os jovens não mostrarem interesse pela política, mas se mostrarem preocupados com a incerteza quanto ao futuro. Esta preocupação, naturalmente, envolve questões de natureza política, revelando também um certo pensamento político por parte dos jovens. A este respeito, vale a pena seguir a proposta de Buckingham (2000: 207), quando refere que “ao analisarmos o desenvolvimento da compreensão política, temos de adotar uma definição mais ampla de política, que reconheça as dimensões potencialmente políticas da vida ‘pessoal’ e da experiência quotidiana”. Citando de novo o autor,

os jovens desenvolvem política através das suas experiências quotidianas na vida familiar, na escola, no bairro e no grupo de pares [...]. O “lado pessoal” não é automaticamente “político”: só se torna político em virtude das formas como está ligado às preocupações e experiências de outros grupos sociais. (Buckingham, 2000: 219-220)

Neste sentido, vale a pena retomar as falas dos jovens, anteriormente citadas, em que defendiam que a política devia ser abordada e debatida na escola. Efetivamente, este é um contexto privilegiado para trabalhar esta matéria, começando por alargar a aceção de política e entender que as decisões que são tomadas a nível da escola, da família e do município são de natureza política, e que participar delas significa envolver-se politicamente.

Por último, vale a pena realçar que a apreensão, sobretudo dos jovens mais velhos, quanto ao futuro, nomeadamente a nível profissional, aparece ligada a problemas de saúde mental, considerada, como já mencionado, como uma das suas preocupações.

Os dados aqui apresentados permitem-nos conhecer os interesses e as preocupações dos participantes no estudo, expandindo o nosso conhecimento sobre os mundos sociais e culturais das crianças e dos jovens, a partir das suas perspetivas. Muito embora não fosse objetivo do estudo medir o bem-estar subjetivo das crianças e dos jovens, os dados relativos aos seus interesses e às suas preocupações, bem como aos assuntos que lhes provocam tristeza e alegria, fornecem-nos evidências sobre a satisfação nas suas vidas tendo por base um conjunto de assuntos e de atividades. Permitem-nos também confirmar a premissa de Beccetti, Pelloni e Rossetti (2008) relativa à importância de “bens relacionais”<sup>4</sup> para a felicidade.

Os resultados não esgotam os olhares sobre os seus próprios mundos, sobretudo considerando a heterogeneidade etária e socioeconómica. Entendemos, ainda assim, que contribuem para a construção de conhecimento sobre as suas culturas, em geral, e o seu bem-estar, em particular, podendo subsidiar a tomada de decisões e a concretização dos direitos das crianças. Uma das principais conclusões deste estudo é a importância de escutar ativamente as crianças, ouvi-las sobre os seus

4 De acordo com os autores, os bens relacionais incluem o companheirismo, o apoio afetivo, a aprovação social, a solidariedade, o sentimento de pertença e de viver a sua história, o desejo de ser amado ou reconhecido pelos outros, etc. (Beccetti, Pelloni e Rossetti, 2008: 346).

interesses e preocupações. Num artigo de opinião publicado no jornal *Público* em 2022, a realizadora Teresa Villaverde dava conta da sua experiência de seleção de uma rapariga de 10/11 anos do interior do país para entrar no seu novo filme. Do contacto com cerca de 500 raparigas e do que viu nos vídeos que pediu a cerca de 200 (em que lhes pediu para dizer o que é que as fazia mais felizes e o que é que as preocupava mais no futuro), a realizadora teceu algumas reflexões muito pertinentes, das quais destacamos esta: “temos que as deixar falar [às crianças] do que as preocupa. Não me parece que seja facultativo, nem me parece que seja uma coisa que possa esperar. Não lhes podemos atribuir angústias e preocupações que elas talvez nem tenham, têm de ser elas a dizer-nos o que as preocupa” (Villaverde, 2022: 17).

## Financiamento

Este trabalho é parte do projeto “*bYou: Estudo das vivências e expressões de crianças e jovens sobre os media*”, financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. (PTDC/COM-OUT/3004/2020), em curso no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.

O estudo obteve parecer positivo da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho (CEICSH 041/2022).

## Referências bibliográficas

- Almeida, Ana Nunes de (2016), *Para Uma Sociologia da Infância. Jogos de Olhares, Pistas para a Investigação*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Andrade, Belén, Ignacio Guadix, Antonio Rial, e Fernando Suárez (2021), *Impacto de la Tecnología en la Adolescencia. Relaciones, Riesgos y Oportunidades*, Madrid, UNICEF España, disponível em:  
<https://www.unicef.es/publicacion/impacto-de-la-tecnologia-en-la-adolescencia> (última consulta em julho de 2025).
- Andresen, Sabine, Jonathan Bradshaw, e Hanita Kosher (2019), “Young children’s perceptions of their lives and well-being”, *Child Indicators Research*, 12, pp. 1-7, DOI: <https://doi.org/10.1007/s12187-018-9551-6>
- Banaji, Shakuntala, e David Buckingham (2013), *The Civic Web. Young People, the Internet and Civic Participation*, Cambridge, The MIT Press.
- Becchetti, Leonardo, Alessandra Pelloni, e Fiammetta Rossetti (2008), “Relational goods, sociability, and happiness”, *Kyklos*, 61, pp. 343-363, DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-6435.2008.00405.x>
- Buckingham, David (2000), *The Making of Citizens. Young People, News, and Politics*, Londres, Routledge.
- Carvalho, Anabela, Chris Russill, e Julie Doyle (2021), “Critical approaches to climate change and civic action”, *Frontiers in Communication*, 6, artigo 711897, DOI: <https://doi.org/10.3389/fcomm.2021.711897>

- Casas, Ferran (2011), "Subjective social indicators and child and adolescent well-being", *Child Indicators Research*, 4, pp. 555-575, DOI: <https://doi.org/10.1007/s12187-010-9093-z>
- Comité Português para a UNICEF (2019), *Convenção sobre os Direitos da Criança*, disponível em: [https://www.unicef.pt/media/2766/unicef\\_convenc-a-o\\_dos\\_direitos\\_da\\_crianca.pdf](https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf) (última consulta em julho de 2025).
- Committee on the Rights of the Child (2021), "General comment No. 25 on children's rights in relation to the digital environment", 2 de março, disponível em: [https://tbinternet.ohchr.org/\\_layouts/15/treatybodyexternal/TBSearch.aspx?TreatyID=5&DocTypeID=11](https://tbinternet.ohchr.org/_layouts/15/treatybodyexternal/TBSearch.aspx?TreatyID=5&DocTypeID=11) (última consulta em julho de 2025).
- Couldry, Nick, e Andreas Hepp (2017), *The Mediated Construction of Reality*, Cambridge, Polity Press.
- Diener, Ed (1994), "Assessing subjective well-being: progress and opportunities", *Social Indicators Research*, 31, pp. 103-157, DOI: <https://doi.org/10.1007/BF01207052>
- Gündogan, Aysun (2022), "'Hear my voice': subjective well-being scale for young children (SWB-YC)", *Child Indicators Research*, 15, pp. 747-761, DOI: <https://doi.org/10.1007/s12187-021-09877-2>
- Jenkins, Henry (2009), *Confronting the Challenges of Participatory Culture. Media Education for the 21<sup>st</sup> Century*, Cambridge, The MIT Press, disponível em: <https://mitpress.mit.edu/books/confronting-challenges-participatory-culture> (última consulta em julho de 2025).
- Lee, Nick (2001), *Childhood and Society. Growing Up in an Age of Uncertainty*, Maidenhead, Open University Press.
- Livingstone, Sonia (2022), "Children's internet culture", em Dafna Lemish (org.), *The Routledge International Handbook of Children, Adolescents, and Media*, Londres, Routledge, pp. 110-118.
- Navarro, Dolors, Carme Montserrat, Sara Malo, Mònica González, Ferran Casas, e Gemma Crous (2017), "Subjective well-being: what do adolescents say?", *Child & Family Social Work*, 22 (1), pp. 175-184, DOI: <https://doi.org/10.1111/cfs.12215>
- Park, Jisu, Hi Jae Jung, e Yoonsun Han (2023), "Latent profile analysis of associations among children's risk profiles, rights, and subjective well-being across 16 countries", *Current Psychology*, 42, pp. 16801-16814, DOI: <https://doi.org/10.1007/s12144-022-02916-3>
- Pereira, Sara (2000), "Educação para os media e cidadania", *Cadernos de Educação de Infância*, 56, pp. 27-29, DOI: <http://hdl.handle.net/1822/4768>
- Pereira, Sara (2013), "More technology, better childhoods? The case of the Portuguese 'One Laptop per Child' programme", *Children Cultures and Media Cultures, Communication Management Quarterly*, 29, pp. 171-198, DOI: [10.5937/commancion1329171P](https://doi.org/10.5937/commancion1329171P). <https://hdl.handle.net/1822/29553>
- Pereira, Sara, Daniel Brandão, e Manuel Pinto (2021), "bYou: a research proposal about and with children and youngsters as creative agents of change through the use of the media", em D. Raposo, N. Martins e D. Brandão (orgs.), *Advances in Human Dynamics for the Development of Contemporary Societies*, AHFE 2021, Lecture Notes in Networks and Systems, vol. 277, Cham, Springer, DOI: [https://doi.org/10.1007/978-3-030-80415-2\\_12](https://doi.org/10.1007/978-3-030-80415-2_12)

- Rebelo, Dora, Ana Garcia, Tânia Santos, Anabela Carvalho, Carla Malafaia, e Maria Fernandes-Jesus (2023), *Jovens, Ativismo Climático e Imaginários Políticos. Relatório de Análise de Grupos de Discussão Focalizada, Projeto JUSTFUTURES*, Braga, Universidade do Minho, disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/88054> (última consulta em julho de 2025).
- Rees, Gwyther, Jonathan Bradshaw, Haridhan Goswami, e Antonia Keung (2010), *Understanding Children's Well-being. A National Survey of Young People's Well-Being*, Londres, The Children's Society.
- Rodríguez-Pose, Andrés, Alexandra Sandu, Chris Taylor, e Jennifer May Hampton (2024), "Children's subjective well-being during the coronavirus pandemic", *Child Indicators Research*, 17 (1), pp. 309-347, DOI: <https://doi.org/10.1007/s12187-023-10089-z>
- Sarmento, Manuel Jacinto (2004), "As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade", em Manuel Jacinto Sarmento e Ana Beatriz Cerisara (orgs.), *Crianças e Miúdos. Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação*, Porto, Asa, pp. 9-34.
- Sarmento, Manuel Jacinto (2007), "Culturas infantis e interculturalidade", em Lini Vieira Dornelles (org.), *Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância*, Petrópolis, Editora Vozes, pp. 19-40.
- Sarmento, Manuel Jacinto, e Manuel Pinto (1997), "As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo", em Manuel Pinto e Manuel Jacinto Sarmento (orgs.), *As Crianças. Contextos e Identidades*, Braga, Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, pp. 9-30.
- Shah, Hetan, e Nic Marks (2004), *A Well-Being Manifesto for a Flourishing Society*, Londres, The New Economics Foundation.
- UNICEF Portugal (2023), *Tenho Voto na Matéria*, s.l., UNICEF Portugal, disponível em: <https://www.unicef.pt/tenhovotonamateria> (última consulta em julho de 2025).
- Villaverde, Teresa (2022), "A lua está morta, morta; mas ressuscita na primavera", *Público*, 28 de fevereiro, disponível em: <https://www.publico.pt/2022/02/28/opiniao/opiniao/lua-morta-mort-a-ressuscita-primavera-1996931> (última consulta em julho de 2025).
- Wood, Marsha, e Julie Selwyn (2017), "Looked after children and young people's views on what matters to their subjective well-being", *Adoption & Fostering*, 41 (1), pp. 20-34, DOI: <https://doi.org/10.1177/0308575916686034>

Sara Pereira. Professora associada com agregação do Departamento de Ciências da Comunicação e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, Portugal.  
*E-mail:* sarapereira@ics.uminho.pt  
*ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-9978-3847>  
 Contribuições para o artigo: conceitualização, curadoria dos dados, análise formal, aquisição de financiamento, investigação, metodologia, administração do projeto, supervisão, validação, redação do original, revisão e edição.

Daniel Brandão. Professor auxiliar do Departamento de Ciências da Comunicação e investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, Portugal.

*E-mail:* danielbrandao@ics.uminho.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6331-0354>

Contribuições para o artigo: curadoria dos dados, investigação, aquisição de financiamento, administração do projeto, revisão e edição.

Marisa Mourão. Doutoranda em Ciências da Comunicação na Universidade do Minho e assistente convidada na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal.

*E-mail:* marisavmourao@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5662-3168>

Contribuições para o artigo: análise formal, visualização, redação do original, revisão e edição

Receção: 28/12/2024 Aprovação: 14/04/2025